

Escola para nisseis não é tão rígida em São Paulo

Em época de carnaval, aula acaba em samba

CILENE PEREIRA

SÃO PAULO — Só mesmo os ideogramas no quadro-negro, os sapatos guardados no pequeno armário da entrada e, é claro, o mar de olhos rasgados denunciam os sinais da vida e da filosofia orientais dentro da Sociedade Japonesa de Educação e Cultura, uma escola vinculada ao Consulado do Japão, em São Paulo, destinada a filhos de empresários japoneses que estiverem em viagens temporárias ao Brasil. Outras características desse povo conhecido por sua tenacidade e paciência, como a rigidez e a disciplina, continuam valendo na escola, mas em formas mais brandas e

menos atemorizantes do que as aplicadas no Japão.

Em época de carnaval as aulas acabam em samba, e durante o recreio a folga não é usada pelos 350 alunos para estudar ainda mais. Nessa hora, os japoneses se entregam às emoções do futebol.

Mas nem tudo é festa. Embora se esforcem para garantir mais liberdade aos alunos, os responsáveis pela escola fazem questão de manter na ordem do dia algumas regras incorporadas há séculos no cotidiano japonês.

A primeira é tirar os sapatos dentro das salas. A segunda é fazer uma espécie de reverência ao professor no início da aula, pedindo a ele, humildemente, que repasse seus conhecimentos. No final, os estudantes agradecem ao mestre pelos ensinamentos recebidos.

Cautelosos, os professores também não permitem muita

aproximação entre meninos e meninas com cerca de 10 anos. Na hora do almoço, sentadas no chão e munidas do *hashi* (os dois pauzinhos que servem de talher), elas ficam de um lado, e eles de outro.

— Nessa idade, eles já começam com brincadeiras e achamos melhor mantê-los meio separados — justifica Osamu Massada, administrador da escola.

Alegres, os estudantes parecem não se importar com essas pequenas regras.

— Os professores são bravos, mas nós damos bem — assegura Shinichiro Onitsuka, de 13 anos.

Professores e estudantes, por exemplo, almoçam juntos, sentados no mesmo tatame. Na hora da limpeza da sala, porém, o princípio da hierarquia continua valendo: os alunos limpam enquanto os mestres descansam.

Praticamente nenhum aluno repete o ano

SÃO PAULO — Se a descontração norteia as relações entre alunos e professores na Sociedade Japonesa de Educação e Cultura, a exigência de um bom desempenho escolar continua acompanhando os estudantes, a exemplo do que acontece nas instituições japonesas. Também, não é para menos. Os professores são “importados” do Japão, assim como o currículo e a carga horária.

Na sociedade, os alunos do primeiro estágio (entre 6 e 13 anos) estudam seis horas por dia. No ginásio, a carga horária aumenta para sete horas. Nesse tempo, eles recebem ainda algumas noções sobre o país onde estão.

— Dedicamos duas horas semanais ao estudo de culinária e Português, entre outras coisas — explica o vice-diretor da escola, Mamoru Debuchi.

O sistema de avaliação é feito através de provas, mas praticamente ninguém repete o ano. Se algum aluno tirar somente notas vermelhas, ele pode recorrer a aulas de recuperação. Se seu desempenho continuar ruim, mesmo assim ele passa de ano, e depois parte para recuperar os conhecimentos.

A única coisa que pode realmente fazer um aluno repetir o ano é seu índice de ausência.

— O estudante tem que frequentar pelo menos a metade do curso — afirma Debuchi.

Ele garante que punições corporais e pressões psicológicas sobre os alunos não existem e nunca existiram na escola. Segundo Debuchi, a tão falada rigidez japonesa não passa de folclore criado no Ocidente.

— Aumentaram muita coisa — assegura. (C.P.)



Na escola japonesa de São Paulo, o rigor e algumas tradições são mantidas, mas de forma bem mais branda